

# Narrativa policial e ficção científica: aproximações e diálogos

## Crime fiction and science fiction: approaches and dialogues

Andreya S. Seiffert

Doutoranda em História Social  
USP

[andreya@usp.br](mailto:andreya@usp.br)

Recebido em: 02/12/2015

Aprovado em: 03/01/2016

**RESUMO:** A ficção científica e a narrativa policial conquistam milhares de leitores mundo afora, seja com os “clássicos” dos gêneros, seja com o que há de mais atual produzido neles. O presente artigo busca discutir pontos em comum entre esses dois gêneros literários aparentemente tão distintos entre si. Aborda a importância do escritor norte-americano Edgar Allan Poe para ambos como uma espécie de criador de matrizes iniciais. Discute, a partir de Borges, a criação dos gêneros literários. Por fim, analisa alguns desdobramentos das matrizes e a junção dos gêneros com a ficção científica policial.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativa policial; ficção científica; literatura e história.

**ABSTRACT:** Science fiction and crime fiction attract thousands of readers around the world, either with the genres “classics”, or with what’s most currently produced. This article discusses the common ground between these two genres apparently so distinct from each other. It discusses the importance of the American writer Edgar Allan Poe for both as a kind of creator of initial matrices. It also discusses, based on Borges, the creation of literary genres. Finally, it analyzes some consequences of the matrices and the merging of genres with the criminal science fiction.

**KEY-WORDS:** crime fiction; science fiction; literature and history.

Narrativa policial e ficção científica são, aparentemente, dois gêneros literários bastante distintos entre si. Um trata de mistérios e crimes, enquanto o outro ocupa-se em discutir conquistas (reais ou não) da ciência e suas possíveis consequências.

Neste artigo busco mostrar que, para além das diferenças, há vários pontos em comum entre os gêneros. Procuo trabalhar com essas aproximações, propondo diálogos possíveis entre dois gêneros tão instigantes da literatura.

### Origens em comum: Edgar Allan Poe e os preâmbulos dos dois gêneros

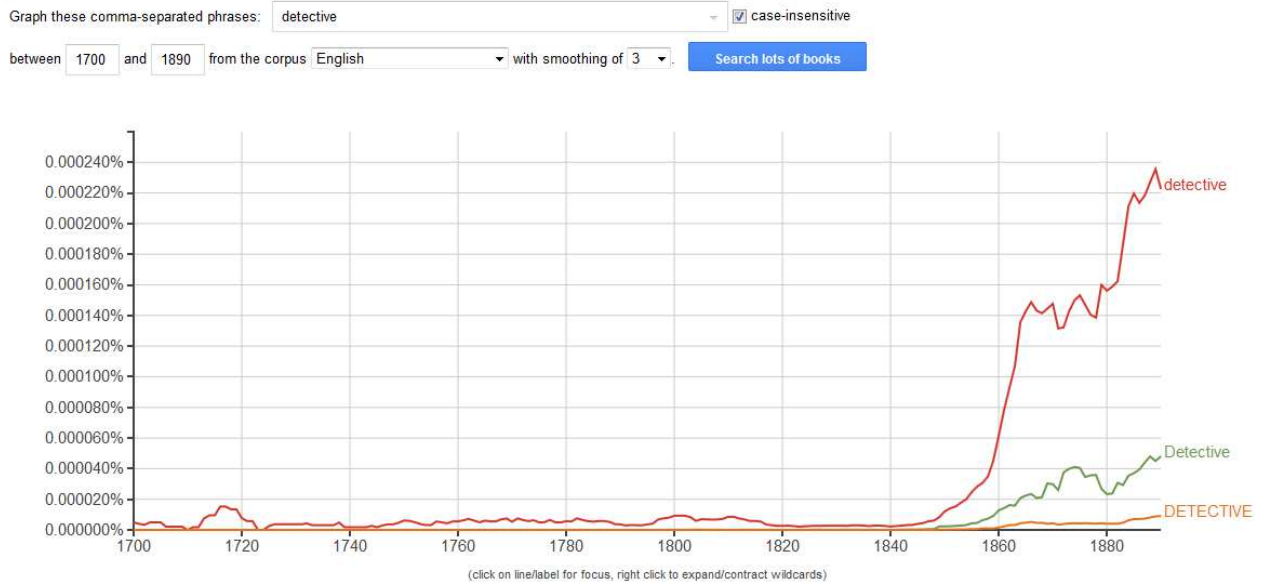
É sempre difícil (senão impossível) precisar o início de um novo gênero literário. Cada crítico, autor ou leitor elege uma ou mais referências que considera fundantes. A própria escolha dos “fundadores” relaciona-se com o que a pessoa (ou o grupo) entende e espera do gênero. Na narrativa policial há quem defenda que sua invenção se dá com os folhetins de crimes urbanos, a partir do século XVI. Já na ficção científica, autores como Jules Verne e H.G. Wells são geralmente creditados como sendo pioneiros do gênero.

Tanto na ficção científica como na narrativa policial, no entanto, há algo, ou melhor, alguém, que pode ser considerado, senão como “fundador” ao menos como tendo contribuído na formação desses dois gêneros: o escritor norte-americano Edgar Allan Poe.

Embora tenha morrido cedo, aos 40 anos de idade, em 1849, Poe deixou uma vasta obra como legado. Escreveu diversos poemas e ensaios, mas são principalmente seus contos que ajudaram na formação dos dois gêneros.

A importância de Poe para a narrativa policial mostra-se evidente sobretudo com os contos “Os crimes da rua Morgue” (1841), “O mistério de Maria Roget” (1842) e “A carta roubada” (1844). Neles, vários elementos do gênero já estão presentes: crime, mistério e até um proto-detetive: Auguste Dupin. O personagem criado por Poe não era um detetive profissional, como posteriormente iriam ser vários protagonistas das narrativas policiais. O próprio conceito de “detetive” ainda era bastante recente. A palavra, segundo o dicionário Oxford, tem origem no verbo *to detect* cujo sentido é descobrir, encontrar. Uma pesquisa no banco de dados de livros do Google, o “Google Ngram” revela que, embora “detective” já aparecesse em alguns livros, é a partir da década de 1850 que a palavra começa a ser usada com mais frequência:

## Google books Ngram Viewer



**Imagem 01:** gráfico produzido pelo *Google Ngram* mostrando a frequência da palavra “detective” em livros publicados entre 1700 e 1890. Fonte: Google Books Disponível em: [https://books.google.com/ngrams/graph?content=detective&case\\_insensitive=on&year\\_start=1700&year\\_end=1890&corpus=15&smoothing=3&share=&direct\\_url=t4%3B%2Cdetective%3B%2Cc0%3B%2Cs0%3B%3Bdetective%3B%2Cc0%3B%3BDetective%3B%2Cc0%3B%3BDETECTIVE%3B%2Cc0](https://books.google.com/ngrams/graph?content=detective&case_insensitive=on&year_start=1700&year_end=1890&corpus=15&smoothing=3&share=&direct_url=t4%3B%2Cdetective%3B%2Cc0%3B%2Cs0%3B%3Bdetective%3B%2Cc0%3B%3BDetective%3B%2Cc0%3B%3BDETECTIVE%3B%2Cc0)

Dupin utiliza não apenas a lógica e o raciocínio, mas também a imaginação para solucionar os mistérios dos contos, colocando-se no lugar do outro como forma de entender sua mente. Alguns anos mais tarde um detetive da ficção também irá se valer dessas características para decifrar diversos crimes: Sherlock Holmes, criado por Arthur Conan Doyle.

As histórias de Poe são “cerebrais”, como aponta Jorge Luis Borges:

Poe não queria que o gênero policial fosse um gênero realista; queria que fosse um gênero intelectual, um gênero fantástico – se vocês assim preferirem –, mas um gênero fantástico da inteligência, não apenas da imaginação, de ambas as coisas, naturalmente, mas, sobretudo, da inteligência<sup>1</sup>.

Borges argumenta que posteriormente as narrativas policiais vão perder essa característica. De qualquer forma ela foi um componente importante nas primeiras histórias e ajudaram a compor as matrizes iniciais do gênero.

<sup>1</sup> BORGES, Jorge Luis. O conto policial. in: *Borges, oral. Obras completas*. Vol. IV. 1975-1988. São Paulo: Globo, 1999, p. 225.

Um outro conto de Poe, anterior aos três citados, também já esboçava algumas características da narrativa policial: “O homem da multidão”, de 1840. Embora não haja um crime propriamente, há mistério. Para Walter Benjamin,

[The Man of the Crowd] is something like an X-ray of a detective story. It does away with all the drapery that a crime represents. Only the armature remains: the pursuer, the crowd, and an unknown man who manages to walk through London in such a way that he always remains in the middle of the crowd<sup>2</sup>.

A contribuição de Poe para a ficção científica é, talvez, um pouco menos conhecida do que para a narrativa policial. Em 1976 a editora britânica Penguin lançou uma coletânea de contos do escritor intitulada: “The Science fiction of Edgar Allan Poe”. Publicados originalmente nas décadas de 30 e 40 do século XIX, os dezesseis contos reunidos na coletânea exploram – e extrapolam<sup>3</sup> – as descobertas da ciência de então. De acordo com Clarke Olney:

Poe’s role in the creation of the modern science fiction genre was of primary importance. He was the first writer of science-centered fiction to base his stories firmly on a rational kind of extrapolation, avoiding the supernatural. This has proved to be the underlying convention of science-fiction, and Poe may be said to have established it<sup>4</sup>.

Assim como na narrativa policial, Poe foi responsável pela criação de certos padrões para a ficção científica que iriam ser importantes para o desenvolvimento do novo gênero literário. No conto “Hans Pfaal, uma aventura sem paralelo” (1835), o personagem viaja à lua em um balão. Jules Verne posteriormente iria se apropriar dessa ideia para produzir o romance “Da Terra à Lua” (1865). Verne, aliás, teria dito ser Poe “le createur du roman merveilleux scientifique”.

O abandono da explicação sobrenatural e o uso da ciência (e também da razão) para desvendar os mistérios aparecem tanto nos contos policiais quanto nos de ficção científica de Poe.

---

<sup>2</sup> [O homem da multidão] é algo como um raio x de uma história de detetive. Ele dispensa toda a roupagem que um crime representa. Apenas a armadura permanece: o perseguidor, a multidão e um homem desconhecido que consegue caminhar através de Londres de tal maneira que sempre está no meio da multidão (tradução minha). BENJAMIN, Walter. The Paris of the Second Empire in Baudelaire. in: *Selected Writings*, vol. 4. Cambridge: Harvard University Press, 2003. p. 27.

<sup>3</sup> Para uma discussão acerca dos limites da ciência em Poe ver IRWIN, John. The mystery to a solution. In: *Poe, Borges and the analytic detective story*. Baltimore: Johns Ropkins: 1994. Ver também TULARD, Jean. *Dictionnaire du roman policier* (1841-2005). Paris: Fayard, 2005.

<sup>4</sup> O papel de Poe na criação da ficção científica moderna foi de suma importância. Ele foi o primeiro autor de ficção focada em ciência a basear suas histórias concretamente em extrapolações puramente racionais, evitando o sobrenatural. Essa se mostrou a convenção subjacente da ficção científica, e pode-se dizer que foi Poe quem a estabeleceu (tradução minha). OLNEY, Clarke. Edgar Allan Poe: Science Fiction Pioneer. *Georgia Review* vol. 12, n. 4, p.416-421. (1958). Disponível em:

< [http://www.jstor.org/stable/41395580?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/41395580?seq=1#page_scan_tab_contents) > . Acesso em: 10 jun. 2015. p. 417.

O único romance acabado de Poe, “The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket” (1838) também utiliza-se de elementos que posteriormente seriam incorporados às narrativas policial e de ficção científica.

Considerado por Borges como a maior obra de Poe, o livro trata da viagem de Arthur Gordon Pym a bordo de navios rumo ao polo sul. Poe usou a ciência da época para compor a história, que por conta disso pode soar como fantasia (gênero com o qual a ficção científica também se relaciona).

Em 1818 John Cleves Symmes Jr. acrescentou à teoria da “Terra Oca” a ideia de que os polos conteriam aberturas para esse mundo interior da Terra. Poe parece ter incorporado essa hipótese, pois tanto “The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket” quanto o conto “MS. Found in a bottle” (1833) terminam de modo abrupto na região da Antártida. Diversos críticos sustentam que os finais abertos seriam uma influência da hipótese de Symmes em Poe e que os personagens das histórias teriam encontrado a passagem para o interior da Terra.

Para os leitores da ficção científica atual, acostumados a viagens espaciais, pode parecer estranha uma história a bordo de navios. Vale destacar, no entanto, que esse tema estava presente no imaginário social da época, onde expedições eram frequentes tanto com fins comerciais quanto exploratórios.

O esmero de Poe em descrever expedições anteriores às de Pym lembra a ficção científica *hard*, uma categoria que iria surgir alguns anos mais tarde e que preocupa-se com o detalhe e a precisão científica. Assim como escritores irão ocupar-se em descrever a velocidade das naves, a distância entre os planetas dentre outros, Poe detalhou as várias expedições que tinham como objetivo atingir o Polo Sul e as latitudes e longitudes alcançadas.

*Gordon Pym* também atraiu a atenção de Jules Verne, tanto que o autor francês escreveu uma continuação do romance, intitulado “An antarctic mystery”, publicado em dois volumes em 1897. Assim, podemos pensar em Poe como sendo uma espécie de inspiração e modelo para outros escritores de ficção científica e também de policiais que viriam na sequência.

O ambiente do século XIX em que Poe escrevia também relaciona-se com os dois gêneros literários emergentes. A crença na técnica, ciência e objetividade, tão caras àquele período, transparece nos primeiros textos tanto da narrativa policial quanto da ficção científica. Essa visão sofrerá alterações nos anos seguintes, quando escritores vão subverter essas matrizes iniciais. Voltarei a falar disso mais adiante.

## Borges e os gêneros literários

No já citado texto de Borges, o argentino ensaia uma interpretação bastante interessante acerca da invenção dos gêneros literários:

Os gêneros literários dependem, talvez, menos dos textos que do modo como estes são lidos. O fato estético requer a conjunção do leitor com o texto, para só então existir. É absurdo supor que um volume seja muito mais que um volume. Ele começa a existir quando um leitor o abre<sup>5</sup>.

Borges continua: “Há um tipo de leitor atual, o leitor de ficções policiais. Esse leitor, encontrado em todos os países do mundo e que se conta aos milhões, foi engendrado por Edgar Allan Poe”<sup>6</sup>

Essa ideia de que é o leitor quem cria o gênero literário pode parecer estranha à primeira vista, mas Borges propõe um exercício hipotético para testá-la. Um suposto leitor de romances policiais começa a ler Dom Quixote tomando-no como policial:

“Em algum lugar de La Mancha, cujo nome não quero lembrar, não faz muito tempo vivia um fidalgo...” E logo esse leitor é tomado por suspeitas, porque o leitor de romances policiais é um leitor que lê com incredulidade, com suspicácias, uma suspicácia especial. Por exemplo, se ele lê “Em algum lugar de La Mancha...”, naturalmente imagina que aquilo não aconteceu em La Mancha. Depois: “... cujo nome não quero lembrar...”. Por que Cervantes não quis lembrar-se? Porque, sem dúvida, Cervantes era o assassino, o culpado. Em seguida, “...não faz muito tempo...” – é possível que o que quer que venha a suceder não seja tão aterrorizador como o futuro<sup>7</sup>.

De fato, ao abrir um livro policial, o leitor fica atento às descrições aparentemente menos importantes, mas que podem tomar outra dimensão ao longo da história. Sabe que os elementos colocados ali podem ser significativos, mas que também podem ser um recurso do escritor para distrair e enganar o leitor.

Borges argumenta que Poe engendrou os leitores de romances policiais. Se considerarmos que Poe também contribuiu na invenção da ficção científica, pode-se dizer que ele engendrou, também, esse tipo de leitor. E como ele seria?

Se o leitor de policiais lê com desconfiança, o de ficção científica lê com deslumbramento. Procura tanto a diferença quanto a similaridade com a sua realidade. Entrega-se à imaginação

---

<sup>5</sup> BORGES. *O conto policial*, p. 221.

<sup>6</sup> \_\_\_\_\_. *O conto policial*, p. 221.

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_. *O conto policial*, p. 221.

para fantasiar outros planetas, mas também procura questionar o seu próprio mundo com a leitura. Aprendeu com Poe (ou por ele foi engendrado) que a ficção científica permite extrapolar as descobertas científicas do período e também questionar suas possíveis consequências.

Como todo escritor é, antes de tudo, um leitor, ao ler Poe vários autores foram engendrados por ele e assim puderam partir de sua obra para construir novas possibilidades. É o caso dos já citados Arthur Conan Doyle e Jules Verne, cuja importância para a narrativa policial e para a ficção científica, respectivamente, é bastante conhecida e reconhecida.

Se é o leitor quem cria o gênero, deve-se supor que, ao longo do tempo, ele não continue sempre o mesmo, mas que acrescente novas expectativas à leitura. Os contos e romances de ficção científica e policiais valeram-se dessas primeiras referências seja para continuá-las ou então para questioná-las e produzir algo diferente a partir delas.

### **Desdobramentos das matrizes**

Se Poe pode ser visto como um elemento em comum na invenção tanto da ficção científica quanto da narrativa policial, é menos como um ponto em uma linha contínua e mais como uma raiz de uma árvore que não cessa de crescer. Nesses quase duzentos anos desde as histórias de Poe até hoje muito tem sido produzido nesses dois gêneros e suas diversas ramificações.

Diversas narrativas policiais passaram a ser contadas a partir do ponto de vista do criminoso e não mais do detetive ou seu auxiliar. Ao invés do “quebra-cabeça”, a ação passou a dar o tom das histórias. As pessoas passam a perceber o mundo como cada vez mais violento, e isso é incorporado às histórias.

Na ficção científica, as descobertas e conquistas da ciência desde os textos de Poe até hoje possibilitaram novos enfoques. O que antes parecia impossível muitas vezes tornou-se rotineiro. Por outro lado, muitas ideias mostraram-se absurdas. Assim, novas possibilidades foram sendo incorporadas e descartadas na ficção científica ao longo do tempo.

Nas décadas anteriores às primeiras viagens espaciais, por exemplo, era comum encontrar extrapolações sobre o tema. Este conto, publicado em 1941, ilustra bem isso:

In the late Sixties Soviet Russia had been seized by a passion for exploration of the other worlds. Most of their huge ships had failed in one way or another, with appalling loss of life, but one had managed to reach the moon. The period that followed the next successful flights was one of feverish lunar exploration

and even madder scrambling for concessions when it was found that the moon was rich in the materials needed on Earth<sup>8</sup>.

Hoje, sabe-se que a lua não contém materiais úteis para nós. O satélite natural da Terra deixou de gerar especulações tanto entre os cientistas quanto entre os ficcionistas e o foco passou para outros temas.

A ficção científica atual, assim como a narrativa policial, divide-se em vários subgêneros. Ambas atravessaram fronteiras e hoje são produzidas em diversos idiomas e países. Ou seja, além das similaridades, elas carregam particularidades próprias de cada cultura.

Essa divisão em gêneros literários não é algo fixo ou fechado e muitas vezes elementos comuns a um podem aparecer em outros. Os gêneros podem mesmo se fundir e criar algo híbrido.

### **Ficção científica policial é possível?**

Em 1953 o escritor Isaac Asimov, famoso por seus textos de ficção científica, publicou *The caves of steel*. Na introdução, ele explicou suas motivações:

[John] Campbell had often said that a science fiction mystery story was a contradiction in terms; that advances in technology could be used to get detectives out of their difficulties unfairly, and that the readers would therefore be cheated.

I sat down to write a story that would be a classic mystery and that would not cheat the reader — and yet would be a true science-fiction story. The result was *The Caves Of Steel*<sup>9</sup>

Percebe-se no escritor uma preocupação em não trair o leitor, algo que Borges e Chesterton também discutiram quando escreverem sobre as histórias policiais. Borges, em um artigo de 1935, apontou seis “leis” do gênero policial que ele considerava importante os escritores seguirem. Na segunda delas, “declaración de todos los términos del problema”, o argentino destacou que soluções tiradas da manga não são honestas. Para ele, era fundamental respeitar o leitor e isso se dava apresentando todos os termos necessários para que o enigma fosse solucionado. Essa visão é compartilhada por Chesterton, para quem “Os escritores têm a

---

<sup>8</sup> No final dos anos 60 a Rússia Soviética havia sido tomada pela paixão da exploração de outros mundos. A maioria de suas grandes naves havia falhado de uma maneira ou de outra, com aterradora perda de vidas, com exceção de uma que conseguiu alcançar a lua. O período após as próximas viagens bem sucedidas foi de febril exploração lunar e houve uma luta ainda mais louca por concessões quando se descobriu que a lua era rica em materiais necessários na terra (tradução minha). KORNBLUTH, Cyril; POHL, Frederik; WYLIE, Dirk. Vacant World. In: KORNBLUTH, Cyril; POHL, Frederik. *Before the Universe*. New York: Bantam Books, 1980. p. 55.

<sup>9</sup> ASIMOV, Isaac. *The caves of steel*. New York: Bantam Books, 1983. p. 10.



estranha idéia de que seu trabalho consiste em confundir os leitores e de que, enquanto os mantenham confusos, não importa que os decepcionem”<sup>10</sup>.

Em *The caves of steel*, dois detetives, um humano e um robô, investigam um assassinato. Asimov procurou dar pistas da solução do mistério ao longo do enredo para, assim, segundo ele, preservar as características da narrativa policial.

Outro escritor de ficção científica que se aventurou em mesclar o gênero com o policial foi Douglas Adams. Conhecido pela série “O guia do mochileiro das galáxias”, Adams publicou em 1987 *Dirk Gently's Holistic Detective Agency*. O método do “detetive holístico” Dirk consiste em analisar a “interconexão fundamental de todas as coisas”. Segundo ele: “Sherlock Holmes afirmou certa vez que, assim que você elimina o impossível, o que sobra deve ser a resposta, por mais improvável que seja. Eu, no entanto, não gosto de eliminar o impossível”<sup>11</sup>. Definido pelo próprio autor como “um colossal épico cômico musical romântico policial de horror sobre viagens no tempo, fantasmas e detetives”, o livro aborda diversas situações inusitadas que, no fim, estão interligadas.

No cinema, essa fusão entre narrativa policial e ficção científica também costuma ser praticada. Um dos exemplos mais famosos é *Blade Runner*. O filme, de 1982, é uma adaptação do livro *Do androids dream of electric sheep?*, de Philip K. Dick. Ambientado num futuro sombrio e chuvoso, o filme trata da busca do agente Rick Deckard, da polícia especial conhecida como “Blade Runner”, por quatro “replicantes” que vieram até a Terra. Os replicantes são androides semelhantes aos seres humanos utilizados em trabalhos perigosos nas colônias espaciais.

Deckard, interpretado por Harrison Ford, assemelha-se em alguns aspectos aos detetives do *hard-boiled*, uma variante da narrativa policial. Tanto Deckard quanto os detetives do *hard-boiled* são homens comuns, solitários, porém espertos e experientes. Eles circulam entre vários mundos e assim conseguem juntar as pistas do mistério em que estão trabalhando. São personagens de ação, diferentemente dos detetives do policial analítico que eram mais reflexivos, como Sherlock Holmes e Auguste Dupin.

Além de *Blade Runner*, filmes como *Minority Report*, *Inception* e *Eu, robô* também hibridizaram narrativa policial e ficção científica ao mesclar elementos dos dois gêneros narrativos.

---

<sup>10</sup> CHESTERTON, G. K. *A inocência do Padre Brown*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006. p. 299.

<sup>11</sup> ADAMS, Douglas. *Agência de investigações holísticas Dirk Gently*. São Paulo: Arqueiro, 2015. p. 180.

## Considerações finais

A ficção científica e a narrativa policial, para além das particularidades de cada gênero, compartilham pontos em comum, a começar por suas origens. Embora possa se apontar diversas obras ao longo do tempo que contêm elementos de um ou outro gênero, é no século XIX que as bases – ou matrizes – deles vão ser delineados de forma mais expressiva.

O escritor norte-americano Edgar Allan Poe foi de grande importância nesse processo. Mais do que explorar temas caros aos gêneros, suas histórias criaram espécies de padrões que foram usados posteriormente por diversos escritores. A ideia do detetive solitário e excêntrico, por exemplo, foi usada por Conan Doyle na criação do famoso Sherlock Holmes. Na ficção científica, ainda que a ciência das histórias seja datada, ao utilizá-la em detrimento das explicações sobrenaturais Poe contribuiu na formação das bases do gênero. Muitos escritores depois de Poe vão se valer dessas matrizes que ele ajudou a construir, seja para continuá-las seja para extrapolá-las.

No século XX a narrativa policial e a ficção científica expandiram-se e diversos subgêneros foram criados, incorporando as discussões de cada época. As aproximações entre os dois gêneros proporcionaram uma mescla entre eles que resultou na ficção científica policial. Hoje, quase duzentos anos após os textos matriciais de Poe, a narrativa policial e a ficção científica continuam cativando velhos e novos leitores, seja com fórmulas antigas ou com novas problemáticas.